

Adolescência, por adolescentes.

Adolescence, by adolescents.

Adolescencia, por adolescentes.

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis¹

Membro Efetivo e Analista Didata da SBPRP e Membro Associado da SBPSP

¹ Rua Professor Alonso Ferraz, 717, Alto da Boa Vista., Ribeirão Preto, SP, CEP: 14025530.
Tel. (16) 39111297
e-mail: bernadete.amendola@gmail.com

Adolescência, por adolescentes

Adolescence, by adolescents.

Adolescencia,por adolescentes.

Adolescência, por adolescentes.

Maria Bernadete Amêndola Contart de Assis

RESUMO

O presente artigo trata de algumas características da adolescência, descritas a partir de três relatos de adolescentes em sessões de análise. O primeiro, em que a adolescente fala sobre suas experiências em aulas de equitação, descreve vivências adolescentes com o crescimento, a sexualidade e a impulsividade. O segundo relato descreve uma experiência de exclusão, com toda a intensidade de dor que acompanha uma experiência desse tipo, durante a adolescência. O terceiro é o relato de um pesadelo, em que aparecem explosões e perseguições que representam com nitidez a experiência que o adolescente tem com a “explosividade” de seu corpo, em processo de crescimento e transformação hormonal.

Como diz o título do artigo, a adolescência é descrita por adolescentes, ou seja, as imagens criadas por eles “falam por si”, no sentido de traduzirem, com precisão, as emoções vividas nesse período de desenvolvimento.

O artigo é predominantemente clínico. Propositamente as discussões teóricas ficaram em segundo plano, numa tentativa da autora de “dar voz” aos pacientes adolescentes. Tal propósito se desdobra em uma breve discussão sobre técnica, em que é sugerida a importância do adolescente protagonizar a cena na sessão de análise e assim, ter a oportunidade de perceber como autor de sua própria história.

Palavras-chave: adolescência; impulsividade; sentimento de exclusão.

“Transbordando em poesias e cânticos, a alma liberta-se do sentimento concentrado: o conteúdo, dor ou alegria, que se fechava em si mesmo fica aberto agora; ao ser representado, a sua concentração rompeu-se, e a alma recobrou a liberdade”.

Hegel

I. Introdução

O título desse trabalho foi inspirado em um comentário feito por um paciente adolescente, durante uma sessão de análise. Ele disse que *“detestava essa história de palestra sobre adolescência”* porque ficavam lá os adultos, *“donos da verdade”*, falando *“de cátedra”* sobre as características da adolescência. *“Nunca vi uma palestra sobre adolescência, feita por adolescentes”*. Continuou ainda mais crítico e criativo, em seu fino senso de humor: *“Querida mesmo era ver uma palestra sobre adultos, feita por adolescentes!”* Interpretações à parte, sobre seu “litígio” com os adultos, vivido ali comigo na sessão, inspirei-me em seu comentário para estruturar um trabalho sobre adolescência, utilizando material clínico em que os modelos apresentados por adolescentes falam por si, oferecendo figurabilidade às principais angústias vividas nesse período do desenvolvimento.

Com esse propósito, percorri minhas anotações da clínica de adolescentes e percebi que muitas delas foram feitas exatamente porque eu me impressionara com a capacidade do paciente de condensar em um relato, um desenho ou um sonho, ansiedades típicas desse período de desenvolvimento. Vou apresentar três dessas anotações e, na medida do possível, deixar que os adolescentes “falem”, por intermédio das imagens que construíram.

Assim, o objetivo do presente artigo é ressaltar, na análise de adolescentes, a importância das imagens criadas por eles, no sentido de serem aproveitadas para a construção de uma linguagem específica a ser usada pelo par analítico, bem como no sentido de criar a oportunidade do adolescente ser autor, o que é uma experiência fundamental nesse período de desenvolvimento.

II. As cavalgadas de Larissa: questões de crescimento, impulsividade e sexualidade.

Larissa, uma adolescente de 14 anos, me conta, muito feliz, que fez uma aula de equitação em que saltou 1m; segundo ela, um “salto enorme!” “*Eu saltava 80 cm e agora consegui 1m. São só 20 cm mas o salto é alto!*” (faço imediatamente a associação com “sapato de salto alto” que ela vem usando ultimamente, mas não digo nada nesse momento).

Lembra-se de que quando estava nos “*quarentinha*” (um obstáculo de 40 cm), ele parecia-lhe extremamente difícil e que agora, quando o olha, acha-o mínimo!

Enriquecendo ainda mais a imagem que constrói, ela diz, com entusiasmo, que aprendeu uma coisa muito importante nessa nova fase de saltos: “*Quanto mais alto o obstáculo, mais devagar é preciso ir*”.

Eu, surpresa (porque na minha visão de “leiga” achei que seria o inverso), pergunto: “*Como assim? Precisa ir mais devagar? Conta para mim como é isso!*”

Ela diz que o cavalo precisa estar “*vivo assim*” (faz um gesto de levantar o tronco), “*com vontade de ir, mas sem pressa, sem desespero*”.

Eu e Larissa pudemos aproveitar as imagens e a narrativa que ela trouxe para conversarmos sobre suas experiências adolescentes não somente nessa sessão, mas em muitas outras. Esses elementos – o salto alto, o cavalo, os obstáculos, o “estar vivo, porém sem pressa ou desespero” – formaram uma linguagem nossa que foi utilizada para nos referirmos às emoções para as quais essa linguagem servia de continente (Bion, 1963).

O salto alto e o crescimento.

Quando Larissa começou a vir às sessões usando sapato ou sandália de salto alto, eu a via vacilante, meio desequilibrada naquela altura. Lembrava-me do bebê que começa a andar e de seus primeiros passos, igualmente cambaleantes. Não me referi a isso de imediato. Resolvi guardar a impressão para poder utilizá-la em momento adequado. Quando Larissa trouxe esse relato do salto de 1m, entendi como sinal de elaboração sobre a possibilidade de “andar de salto” de modo mais seguro. Não houve necessidade de referência direta ao andar cambaleante. Apenas assinali que quando ela me falou de “salto alto” eu associei aos sapatos que ela andava usando ultimamente. Ela sorriu e disse: “*Agora eu ando com eles mais à vontade, mas no começo eu achava que ia cair!*”

O crescimento é sentido muitas vezes pelo adolescente como uma espécie de obstáculo intransponível, uma vez que não há segurança quanto aos recursos disponíveis para enfrentá-lo. E, de fato, tal como no salto do hipismo ou no salto alto do sapato, os recursos não são pré – existentes, mas são construídos na medida em que o adolescente tem coragem de lançar-se a novas experiências e poder aprender a partir delas. Usando a linguagem de Larissa, é preciso ter vigor e energia, mas ir sem pressa, sem desespero, para conseguir “vencer” os obstáculos. Trata-se de um alerta contra elementos de voracidade e onipotência que facilmente se intrometem no processo adolescente.

No caminho em direção à patologia, o adolescente “empaca”, estanca diante do obstáculo, tornando-se apático. O adolescente pode passar longos períodos estendido no sofá da sala, dormindo, com “preguiça”, sem energia para estudos ou lazer. Essa defesa rouba-lhe a oportunidade de experimentar, aprender e crescer. Na mesma direção do “empacamento”, encontra-se outra defesa patogênica, assinalada por Figueiredo (2006), que é a de se refugiar em uma estrutura narcísica de sobrevivência (com somatizações, ou uso de álcool e drogas), o que se configura como uma prisão. “O paciente vive em um abismo que o impede de comunicação até mesmo com seus afetos: no entanto, a prisão é também sua salvaguarda, ali está protegido e pode sobreviver” (Figueiredo, 2006, pag. 163).

Outro elemento do discurso de Larissa, que representa uma experiência característica da adolescência, é o que ela chamou de “*quarentinha*”, referindo-se à altura do obstáculo que ela pulava quando pequena. Penso que essa é uma representação da experiência adolescente de contato com a passagem do tempo e com “o que ficou para trás”, experiência que mobiliza sentimentos de luto, de um lado, e de desafios vencidos, de outro. Olhar para o obstáculo “*quarentinha*” é estar em contato direto com seu próprio crescimento. Uma altura que parecia tão grande apresenta-se agora como pequena. Essa representação lembra-me relatos frequentes entre os adolescentes, que é a experiência de observar espaços antes vividos como enormes e que depois se mostram pequenos. “*Minha casa de boneca era enorme! Agora olho para ela e fico imaginando como é que eu cabia lá dentro?!*” Esses relatos são acompanhados frequentemente por sentimentos de perda, que demandam uma elaboração de luto. Despedir-se do corpo infantil e dos espaços ocupados por esse corpo, exige muito trabalho mental. Despedir-se dos interesses da infância e dos objetos que foram significativos é um empreendimento enorme para o aparelho mental. Essa experiência, quando pode ser

sonhada, abre campo mental para a tarefa de lidar com o luto contínuo que caracteriza a vida.

Por outro lado, o obstáculo “quarentinha” associa-se a um sentimento de triunfo, de experiência de ter conseguido transpor obstáculos. É um parâmetro de quanto ela já pôde caminhar, o que lhe oferece subsídios para incrementar sua autoconfiança.

O cavalo, a impulsividade e a sexualidade.

As forças da impulsividade e da sexualidade estão presentes na figura do cavalo. Esse animal pode estar presente no material clínico, como representante da pulsão, do id, dos aspectos primitivos, que geram uma demanda constante a ser processada pelo ego. Em “Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise” (1933) Freud utiliza a analogia do cavalo e do cavaleiro para falar sobre a relação id – ego.

O ego deve, no geral, executar as intenções do id, e cumpre sua atribuição descobrindo as circunstâncias em que essas intenções possam ser mais bem realizadas. A relação do ego para com o id poderia ser comparada com a de um cavaleiro para com seu cavalo. O cavalo provê a energia de locomoção, enquanto o cavaleiro tem o privilégio de decidir o objetivo e de guiar o movimento do poderoso animal. Mas muito frequentemente surge entre o ego e o id a situação, não propriamente ideal, de o cavaleiro só poder guiar o cavalo para onde este quer ir. (Freud, 1933, pág. 98).

Essa relação id – ego/cavalo – cavaleiro, está presente na adolescência de modo particularmente intenso. Na adolescência, o cavalo impõe-se com uma força extraordinária e, na maioria das vezes, assusta o cavaleiro que experimenta a sensação de não ter recursos suficientes para dirigi-lo. Lembrei-me de um trecho do livro de Armando Ferrari em que ele diz: “... o adolescente vive sensações e emoções de maneira intensa, mas ainda não tem uma estrutura psíquica em condições de conter sua intensidade” (Ferrari, 1994, pág. 8).

Por vezes, a angústia diante do vigor da pulsionalidade é tal que provoca defesas poderosas. Entre elas podemos identificar o grupo de defesas maníacas (Segal, 1975), que costumam ter lugar de destaque no processo adolescente. Apresentam-se como “tudo posso”, “nada me atinge” ou algo como “esse cavalo não me assusta”, “sou todo poderoso sobre ele”. Nessa situação de defesa o adolescente está sujeito a “perder as rédeas” e ser dirigido pelo cavalo, em uma seqüência desenfreada de atuações o que por vezes o coloca em sérias situações de risco. Como Larissa “sabe”, com o modelo que

apresenta, há sintonia necessária entre cavaleiro e cavalo. Trata-se de uma coreografia de levar e ser levado, conduzir e ser conduzido, em um interjogo interessante de soltar rédeas e puxar rédeas! Se essa fala for traduzida em termos teóricos, pode-se valer dos conceitos freudianos de relação id/ego, na lida com as pulsões, tal como foi sugerido anteriormente, ou utilizando os aportes da teoria de Bion, pode-se colocar a fala da paciente em termos de transformação de elementos β em elementos α , ou seja, a impulsividade, quando pode ser sonhada, pensada, representada, contida em elementos α , sofre modulação, ou seja, deixa de ser combustível para atuações e passa a ser combustível para ações produtivas que promovem desenvolvimento. Aqui também cabe bem o modelo do cavalo e do cavaleiro. O cavaleiro é a parte “pensante” do todo cavalo/cavaleiro, exatamente a parte que pode modular a força primitiva que vem do animal.

Voltando à Larissa, vale mencionar que ela sabe bem sobre a importância de manter o cavalo “vivo” (desejoso, impulsionado, cheio de vontade), porque ela é frequentemente ameaçada por mecanismos mortíferos que a fazem ficar desanimada, sem vontade de estudar, ir a festas ou estar com amigos. Esses mecanismos aparecem quando a força pulsional torna-se muito assustadora; a morte apresenta-se como defesa contra a pulsação que ela fantasia não poder suportar. Nesse contexto, falar do cavalo movido pelo desejo é uma forma de elaboração, em que ela tenta lidar com as forças de vida e morte que se debatem dentro dela.

III. Alice e o semáforo: medo da exclusão.

Alice, uma adolescente de 15 anos, chega à sessão com a fisionomia tensa. Dirigimo-nos à mesa em que está sua pasta com material gráfico, que ela costuma usar para desenhar. Ela se senta e começa a tentar tirar a pele do canto da unha. Percebo que está se machucando; sinto aflição.

Digo: *“Alice, você está se machucando, provocando dor em você mesma. Em lugar de fazer isso, vamos conversar sobre o que está doendo em você? Percebo que você está tensa. O que está acontecendo?”*

Ela, tentando demonstrar indiferença: *“O que está acontecendo? Nada”...*

Abre a pasta, pega o desenho da sessão anterior que ficara para colorir, mas não se motiva a continuar a atividade e desiste.

Falo que o desenho de ontem não está fazendo nenhum sentido hoje. Hoje tem outra emoção dentro dela. *“Que tal fazer outro desenho?”*, proponho.

Ela pega uma folha em branco e começa a desenhar um semáforo, depois acrescenta uma moça, tendo ao fundo a paisagem do Rio de Janeiro.



Enquanto desenha, vai me contando que naquele dia houvera um ensaio para a apresentação de dança que aconteceria na escola no final de semana. Percebo que há algo importante ali e começo a investigar. Ela diz que havia vários grupos, cada um ensaiando um tipo de dança. Conta que estava no grupo de funk, mas as colegas acharam que ela estava dançando mal, estragando a coreografia e a tiraram do grupo. “Nem liguei”, ela diz, “fui para outro que me aceitou. Passei para o grupo de samba,

que nem tem coreografia, é mais fácil". Fica claro para mim que o "nem liguei" é defensivo; não corresponde ao que estou observando nela: um enorme sofrimento em função da rejeição sofrida pelo grupo de funk.

Aproveito o semáforo para falar com ela sobre rejeição, exclusão, dor e sofrimento associados a essa experiência. O desenho é uma condensação extraordinária de tudo isso e entendo que sem esse recurso que ela me ofereceu, teria sido muito mais difícil falar sobre o tema.

O semáforo é um elemento muito representativo do binômio permitido/proibido, o que remete à questão da inclusão/exclusão, tão intensamente vivida na adolescência. Quando lhe pergunto sobre o Rio de Janeiro, cenário em que ela coloca a moça e o semáforo, ela associa à novela *Duas Caras* (que estava no ar por ocasião dessa sessão) em que o tema da exclusão social era muito presente. Havia na história da novela os contrastes entre a favela e o Leblon, os pobres e os ricos, o branco e o negro.

Nessa adolescente a questão da exclusão ganha cores fortes, tal como no seu desenho, porque ela tem história de adoção e, em função disso, lida com fantasias (e realidades) de ser do grupo dos excluídos. Além disso, como tem sérias dificuldades de desempenho escolar, ela é frequentemente excluída dos grupos de trabalho ou de apresentações culturais (como aconteceu no caso que ela relatou nessa sessão), porque "atrapalha".

Começo a conversa dizendo para ela que o semáforo é um desenho que combina muito com o que ela está me contando. Falo algo mais ou menos assim: "*Alice, você recebeu 'sinal vermelho' do grupo de funk e isso foi, sim, muito dolorido. Entendo que é difícil para você admitir que foi sofrido. Falar dessa dor aqui comigo é como mexer de novo na ferida, doer tudo outra vez, mas se não conversarmos sobre isso, a dor não vai passar sozinha*". Seus olhos se enchem de lágrimas. Um clima de forte emoção, de sofrimento, toma conta da sala de análise.

A partir dessa minha intervenção eu a sinto mais próxima, mas disponível para a conversa comigo sobre o que ela estava sentindo em relação ao episódio que ocorrera na escola. Ali comigo, a experiência vivida não foi de exclusão. Ficamos juntas. Ela passou a me contar como era a dança do grupo novo que a recebera (o grupo do samba). Eu pergunto: "*Sinal verde?*" Estou pensando aqui não só em relação ao grupo que a recebeu, mas também no sinal verde que eu e ela oferecemos para a emoção vivida.

Pude ainda, a partir do sinal verde, estabelecer uma ligação entre essa situação de um grupo que a rejeita e outro que a aceita, com sua história de adoção, ou seja, a

família que a rejeita e a família que a acolhe. Como Alice está há muitos anos comigo, já tivemos a oportunidade de conversar sobre a rejeição e o acolhimento dentro de um mesmo grupo (de amigos ou familiar), o que amplia muito sua condição de pensar.

O binômio inclusão/exclusão é uma das principais fontes de angústia na adolescência, exatamente porque ele remete, como se pode ver em Alice, às mais remotas experiências dessa ordem. A história real e fantasmática desse processo de inclusão/exclusão, vivida ao longo do desenvolvimento, ganha importância especial na adolescência, por ser esse o momento em que essa história será reeditada fora do âmbito familiar. No processo de desenvolvimento esse é o momento em que o ser humano passa a ter necessidades e desejos que já não podem ser supridos pela família. Se os medos não o impedirem, o adolescente busca viver novas relações de afeto fora do espaço familiar. Essa busca inclui tanto transferências do que foi vivido na família como abertura para as novidades propostas por cada situação em particular.

Uma situação que minha experiência clínica mostra não ser rara, e que serve como exemplo para isso, são as viagens. Na infância elas são feitas quase que exclusivamente com o grupo familiar. Na adolescência as viagens com a família “perdem a graça” (exceção feita àquelas que são muito especiais) enquanto as viagens com amigos ganham importância cada vez maior. A propósito, é comum os adolescentes escolherem viagens com os colegas para comemorarem as formaturas de oitava série ou de terceiro colegial que são, tradicionalmente, rituais de passagem. Esses são momentos em que a questão da inclusão/exclusão se apresenta com toda sua força.

Às vésperas da viagem de formatura de oitava série, Alice fez o seguinte desenho:



Como pode ser visto, ela fez um rol de tudo o que precisaria levar. Como Alice costuma privilegiar as imagens em relação às palavras, ela desenha a lista do que irá compor sua bagagem. Ela me disse que estava desenhando tudo o que precisava levar, porque tinha medo de “*ser esquecida de alguma coisa*”, em lugar de “*se esquecer de*

alguma coisa”. Mais uma vez, por intermédio de um lapso de linguagem, Alice expressava seu medo de ser esquecida, de ser abandonada, de ser preterida. Seu medo era que as colegas não a incluíssem nos jogos ou passeios.

Nessa paciente, a dinâmica entre esquecer e ser esquecida contém uma característica mais profunda: trabalhamos durante muito tempo com sua dificuldade em manter vivo o objeto dentro de si, o que a levava a sentimentos de desamparo, terrores noturnos e medo de se afastar dos pais, Botelha e Botelha (2002), ao abordarem a questão do medo de dormir que algumas crianças apresentam, levantam a hipótese de que o medo não é o de encontrar nos pesadelos os objetos terroríficos, mas sim o medo de perder o contato com os objetos reais e não reencontrá-los na representação. Com base nisso, concluem que a não representação é a principal fonte do sentimento de desamparo.

Estes medos são reeditados agora que ela está adolescente e “sai de casa”. Nesse movimento de saída, precisa levar a bagagem. Para organizar a bagagem concreta ela pode contar com seus pais. Quanto à bagagem interna, que irá ajudá-la a empreender a viagem em direção à idade adulta, esta exige cuidados mais profundos, como a preservação dos objetos internos protetores, ameaçados por seus ataques destrutivos, o que é característico da dinâmica dessa paciente (Klein, 1946). É possível compreender o quanto ela teme não ser capaz de manter os objetos dentro de si para protegê-la. Talvez por isso use o expediente de desenhar em lugar de arrolar palavras. Desenhar torna o objeto mais visível. Nesse caso, a linguagem é muito “abstrata”. A sensorialidade apresenta-se como necessidade (Marques, 2008). Dessa perspectiva, o medo de ser excluída, de estar “solta”, sem pertencimento a nenhum grupo, exprime um medo mais profundo de estar desprovida de seus objetos internos e, com isso, perder o sentido de existência.

IV. Hélio e o sonho das explosões: a experiência adolescente com a inundação de estímulos.

Hélio, um adolescente de 15 anos, conta um sonho, em que há muitos elementos de explosões, violência e medos característicos do processo adolescente. São correspondentes às explosões de hormônios, à explosão de crescimento, à explosão da sexualidade, à explosão de agressividade. São experiências vividas como traumáticas, no sentido de que a intensidade dos estímulos não encontra continência suficiente no aparelho mental.

O sonho relatado foi o seguinte: Ele estava com o irmão e um amigo, fugindo de bandidos que queriam matá-los ou torturá-los. No lugar em que estavam, havia bombas explodindo, parecia um campo de guerra. Os bandidos davam tiros que explodiam como se fossem granadas. Ele, o irmão e o amigo conseguiram subir em umas motos e tentaram fugir. O caminho que usaram para a fuga era muito íngreme, difícil de subir; as motos começaram a falhar. As explosões continuam, “*pra todo lado*”. A cena muda: ele agora estava sozinho e tentando fugir dos bandidos. Entra em um prédio, correndo, desesperado e começa a fechar portas. Diz, nesse momento do relato, que passou um “tempão” do sonho fechando portas, mas que nada detinha os bandidos, os tiros e as explosões. “*Eu fechava as portas e eles abriam. Nada segurava*”. Havia uma última porta que ele não conseguiu fechar. Ficou acuado. Acordou assustado. Nesse momento “escutou” o pai batendo à porta de seu quarto e perguntando se ele estava precisando de ajuda. Ele vai até lá e verifica que não há ninguém.

Em lugar de me ater à dinâmica desse adolescente em particular, gostaria de chamar atenção para o valor desse sonho como expressivo de algumas características da adolescência.

Uma dessas características é a experiência com a força dos estímulos fisiológicos (hormonais) que se apresentam. Isso já foi expresso no caso de Larissa e reaparece aqui. A diferença é que em Larissa o conteúdo é basicamente sexual e aqui o conteúdo que predomina é a agressividade e persecutoriedade. O adolescente experimenta a pulsionalidade intensificada como “explosões”, tal como está descrita nesse sonho. A imagem que ele constrói é de um “campo de guerra” em que existem “explosões para todo lado”. Penso que essa imagem é de fato muito apropriada para representar a experiência adolescente de sentir-se “explodindo”. Há o medo de ser agredido no corpo. Fica claro no relato do sonho desse adolescente, que os bandidos não querem roubá-lo, mas matá-lo; há um corpo ameaçado. O corpo infantil? O novo corpo que se desenvolve à revelia de qualquer controle? O corpo que recebe uma descarga hormonal violenta e que precisa “dar conta” dela?

Sobre a importância do corpo na adolescência, Carla Busato (apud Ferrari, 1996) usa uma expressão muito apropriada: diz ela que os adolescentes estão “inundados de corpo”. De fato, em minha experiência clínica com adolescentes, posso observar essa “inundação”. É um corpo que se impõe à mente, de modo explosivo, desconhecido, irreverente. Um corpo que invade a mente e demanda ser pensado. A propósito, Green (1990) fala da exigência de trabalho imposta ao psíquico pela pulsão. Por estar na

fronteira (conceito-limite) entre o somático e o psíquico, a pulsão tem vínculo direto com o corporal. Ora, se o corpo recebe estimulação extra na adolescência, o aparelho mental terá “trabalho extra” também. E, muitas vezes, o adolescente necessita receber “colaboração extra” para a construção de sonhos e do pensar.

Voltando ao campo de guerra descrito pelo paciente, ele revela ainda a luta contra os perseguidores, que ganham força nesse período de desenvolvimento. É como se houvesse uma reedição dos medos infantis dos monstros, das bruxas, dos fantasmas, do escuro. Os bandidos do sonho personificam esses objetos (Steiner, 1989).

Por outro lado, as motos que são usadas para a fuga podem ser pensadas como representantes de uma saída onipotente, uma espécie de pênis gigante, capaz de livrá-los dos inimigos. Essa defesa também se apresenta frágil, porque o terreno é íngreme e as motos começam a perder potência. A falha da defesa onipotente deixa-o literalmente “a pé” e sozinho. Na próxima cena do sonho ele está só, buscando um abrigo que possa oferecer-lhe proteção. Esse expediente também não se mostra eficaz. As portas não seguram os bandidos e ele, sem saída, acorda. As defesas falham e os recursos para enfrentamento não aparecem; só resta acordar para não ser aniquilado. Lembro-me aqui de Ogden (2010), quando fala que o momento do acordar em um pesadelo, indica o ponto em que houve o colapso, no sentido da mente estar impossibilitada de continuar sonhando.

A alucinação da figura do pai, que se segue ao despertar, aparece, a meu ver, como a busca do objeto protetor. Aliás, essa pode ser a “saída”: a identificação com os recursos parentais, que podem levar a uma diminuição da utilização de defesas onipotentes. Nesse caso, infelizmente, Hélio não encontra o pai, e o desamparo se apresenta, com sua enorme força primitiva.

V. O adolescente como autor: breves considerações sobre técnica.

Ficou famosa a expressão de Antonino Ferro (1995), “*dois autores em busca de personagens*”, uma forma de falar sobre o sonhar a dois ou o que ele denomina “*a construção de uma história compartilhada*” na sessão de análise. A análise de adolescente é especialmente rica em construção de personagens e imagens para conter as emoções vividas.

Em minha experiência clínica com adolescentes, observo que são frequentes relatos com um colorido visual intenso. As experiências vividas são relatadas com

riqueza de detalhes e tudo se passa como se assistíssemos a um filme. Entendo isso como uma espécie de passagem da ludoterapia para o discurso verbal do adulto. É comum a construção de imagens condensadas, prenes de significado, tal como pôde ser visto nas vinhetas acima relatadas.

Um uso fértil das imagens criadas é a construção de uma linguagem comum, uma espécie de acervo onírico do par analítico, que pode ser utilizado em diferentes situações e em diferentes momentos da análise.

Exemplo desse uso é o que relatei no caso de Larissa. A imagem do cavalo tornou-se de uso comum, tanto meu quanto dela, para falarmos de seus estados emocionais. “*O cavalo hoje está agitado*” ou “*Ihhh, hoje está parecendo um pangaré. Assim não se saltam obstáculos. Aliás, você mesma me ensinou sobre isso*”.

Com Alice, uso muitas vezes o semáforo para me referir aos seus medos. “Sinal vermelho” e “sinal verde” passaram a serem termos “nossos”. Algumas vezes, quando a percebo muito na defensiva, desenho o sinal vermelho e não preciso dizer mais nada. Em geral esse tipo de comunicação nos aproxima.

Além disso, a conversa analítica pode fluir “dentro” da cena, à semelhança da análise de crianças em que a conversa se faz dentro da brincadeira. “Fluir dentro da cena” significa conversar sobre os personagens ou objetos que se apresentam, apontando características de cada um, mostrando diferenças entre eles, “brincando” com os personagens, propondo novas configurações da situação e, com isso, estimulando mais sonhos. Esse tipo de uso do relato do paciente aproxima-se do que Ogden (2007) denominou “*talking-as-dreaming*”, que são aquelas conversas que ocorrem na sala de análise em que analista e paciente falam sobre “livros, filmes, poemas, regras de gramática, etimologia, a velocidade da luz, o gosto do chocolate, etc. Apesar das aparências, minha experiência tem mostrado que tais falas ‘não analíticas’ frequentemente permitem ao paciente e analista que não tem sido capazes de sonhar juntos, que possam desenvolver essa capacidade” (pag. 575).

As imagens criadas pelos adolescentes, pela riqueza de associações que estimula, podem ser utilizadas da mesma forma que fazemos com as obras de arte, os textos clássicos e os filmes famosos. Servem como “citações” deles para eles mesmos. Às vezes digo, em tom lúdico: “*Como você já nos ensinou...*” ou “*Citando um autor muito importante que nós dois conhecemos: você!*” E passo a utilizar as imagens e histórias construídas por eles ali comigo. Noto claramente o quanto esse jeito de estar com eles desperta interesse. Trata-se ainda de uma maneira de propiciar ao adolescente

a experiência de viver o papel principal, de ser o protagonista da cena, enquanto o analista passa a ser o coadjuvante. Essa é uma experiência transformadora para eles, que precisam efetivamente protagonizar a cena, assumir a autoria de si mesmos, de suas decisões, de seus caminhos e de suas escolhas.

RESUMEN

Este artículo trata de algunas de las características de la adolescencia, que se describen a partir de tres informes de los adolescentes en sesiones de análisis. La primera, en la que la adolescente habla sobre sus experiencias en las clases de equitación, describe las experiencias con lo crecimiento, la sexualidad y la impulsividad. El segundo informe se describe una experiencia de exclusión, con toda la intensidad del dolor que acompaña esta experiencia en la adolescencia. El tercero es el informe de una pesadilla, donde las explosiones y persecuciones parecen representar claramente la experiencia que los adolescentes tienen con la "explosión" de su cuerpo, en el proceso de transformación. Como el título de este artículo dice, la adolescencia es descrita por los adolescentes, es decir, las imágenes creadas por ellos "hablan por sí mismos" con el fin de traducir con precisión las emociones vividas durante este período de desarrollo.

El artículo es fundamentalmente clínico. Discusiones teóricas fueran deliberadamente postas en el fondo, un intento del autor de "dar voz" a los pacientes adolescentes. Ese propósito se desarrolla en un breve análisis de la técnica, se sugiere la importancia de adolescente estar en la escena en la sesión de análisis y por lo tanto tienen la oportunidad de verse a sí mismos como el autor de su propia historia.

Palabras clave: adolescencia; impulsividad; exclusión.

ABSTRACT

This article deals with some characteristics of adolescence, described from three reports of adolescents in analysis sessions. The first, in which the teen talks about his experiences in riding lessons, describes experiences with adolescent growth, sexuality and impulsiveness. The second report describes an experience of exclusion, with all the intensity of pain that accompanies such an experience during adolescence. The third is the report of a nightmare, where explosions and chases appear to represent clearly the experience that adolescents have with the "explosion" of his body, in the process of transformation and growth hormone.

As the title of the article, adolescence is described by adolescents, ie, the images created by them "speak for themselves" in order to translate accurately the emotions experienced during this period of development.

The article is mainly clinical. Purposely theoretical discussions were in the background, an attempt by the author to "give voice" to adolescent patients. That purpose unfolds in a brief discussion of technique, it is suggested the importance of adolescent to be the "leading actor" in the scene in the analysis session and thus have the opportunity to see themselves as the author of your own story.

Keywords: adolescence; impulsiveness; exclusion.

Referências Bibliográficas

Bion, W.R. (1963) **Elementos de psicanálise**, Rio de Janeiro, Imago, 2004.

Botelha, C. e Botelha, S. (2002) **O irrepresentável: mais além da representação**, Porto Alegre, Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul: Criação Humana, 2002.

Ferrari, Armando B. (1994) **Adolescência, o Segundo Desafio, considerações psicanalíticas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1996.

Ferro, A.(1995) **A técnica na psicanálise infantil**, Rio de Janeiro, Imago, 1995.

Figueiredo, S. M. B. V. (2006) Configurações de prisão e de liberdade: considerações técnicas com adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. 39, nº 4, p. 149-168.

Freud, S. (1933) **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**, ESB das Obras Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1969, Vol. XXII.

Green, A. **Conferências Brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

Klein, M. (1978) Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, em **Os progressos da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Marques, T. H. T. (2008) *A experiência afetiva com a sensorialidade*. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Volume 42, nº 3, 115-128, 2008.

Ogden, T. H. On talking-as-dreaming, **IJP**, 2007, **88**:575-89.

Segal, H. (1975) **Introdução à obra de Melanie Klein**, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Steiner, J. (1989) Relações perversas entre partes do self: um exemplo clínico, em **Melanie Klein: Evoluções**. Elias M. R. Barros, org. , São Paulo, Escuta, 1989.